



DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA, REVISÃO E REDAÇÃO

NÚCLEO DE REDAÇÃO FINAL EM COMISSÕES

TEXTO COM REDAÇÃO FINAL

CPI - TORTURA E MAUS-TRATOS		
EVENTO: Audiência Pública	Nº: 0986A1/02	DATA: 29/11/02
INÍCIO: 12h28min	TÉRMINO: 13h26min	DURAÇÃO: 06h49min
TEMPO DE GRAVAÇÃO: 58min	PÁGINAS: 33	QUARTOS: 12
REVISÃO: Andréa Macedo, Cláudia Castro, Tatiana		
CONCATENAÇÃO: Daniel		

DEPOENTE/CONVIDADO – QUALIFICAÇÃO
FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL – 1º Tenente do Corpo de Bombeiros do Estado do Rio de Janeiro. JOSUÉ FLORENTINO ROSA – Travesti.

SUMÁRIO: Tomada de depoimentos.
---------------------------------

OBSERVAÇÕES
Há intervenções inaudíveis. Há palavras ou expressões ininteligíveis. Há intervenções simultâneas ininteligíveis. A reunião foi suspensa e reaberta várias vezes. A reunião transforma-se em reservada à página 33.



**A SRA. PRESIDENTA** (Deputada Elcione Barbalho) - Está aberta a sessão. Gostaria que trouxessem a esta sala o 1º Tenente do Corpo de Bombeiros, Sr. Francisco Gonçalves Gabriel. *(Pausa.)* Eu convido a tomar assento à mesa o Sr. Francisco Gonçalves Gabriel. *(Pausa.)* Autorize a imprensa a entrar. *(Pausa.)* Autorize a imprensa, por favor, a entrar. A imprensa pode ficar direto?

**O SR. DEPUTADO MAGNO MALTA** - Pode. *(Pausa.)*

**A SRA. PRESIDENTA** (Deputada Elcione Barbalho) - Reaberta a sessão. Quero lembrar a cada Deputado inscrito que, ao fazer suas indagações, terá direito à réplica e à tréplica, assim como terá o depoente. A presente reunião destina-se à oitiva de testemunha, portanto, solicito ao Sr. Francisco Gonçalves Gabriel que preste juramento, em atendimento ao art. 210 do Código de Processo Penal. Solicito que todos fiquem de pé para ouvir o juramento.

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - Faço, sob a palavra de honra, a promessa de dizer a verdade do que souber e me for perguntado.

**A SRA. PRESIDENTA** (Deputada Elcione Barbalho) - Em conformidade com o art. 210 do Código do Processo Penal, advirto o depoente das penas cominadas ao crime de falso testemunho, assim descrito no Código de Processo Penal, art. 342: *"... fazer afirmação falsa, negar ou calar a verdade, como testemunha, perito, tradutor ou intérprete em processo judicial, policial-administrativo ou em juízo arbitral. Pena: reclusão de um a três anos e multa."* Com a palavra a testemunha, que tem até 20 minutos, se dela quiser fazer uso. Senão, nós passaremos aos Deputados para fazerem as perguntas. Você tem que colocar o microfone bem perto da boca porque a reunião está sendo gravada.

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - Podemos passar às perguntas.

**A SRA. PRESIDENTA** (Deputada Elcione Barbalho) - O Deputado Lino quer a palavra? Queria que passasse a inscrição, por favor.

**O SR. DEPUTADO LINO ROSSI** - Tenente, antes de aprofundarmos a questão do laudo, nós gostaríamos que o senhor fizesse um relato, desde o momento em que o senhor estava na sua unidade, do telefonema, ou seja, dos procedimentos. O que aconteceu até o momento em que o senhor terminou a sua missão, por favor?



**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - No dia 7 de setembro, por volta de 12h50, o Corpo de Bombeiros recebeu uma ligação do Delegado Dr. Marcelo solicitando a presença de uma ambulância, que havia ocorrido um mal súbito no interior da sua unidade da Polícia Federal. Nesses casos de mal súbito, geralmente, o médico-socorrista confirma o chamado para tentar saber do que se trata, mas, como era no interior da Polícia Federal, preferi nem confirmar. Então, às 12h53, soou o alarme, a ambulância saiu, tendo chegado no interior da Polícia Federal a uma hora da tarde. Chegando nessa unidade, eu perguntei aos agentes o que havia ocorrido, nenhum deles me disse e só me conduziram até à cela. Chegando até à cela, o Antonio estava deitado de bruços, a cela de portas abertas. Na cela, também estava um outro rapaz que, pelas fotos, diria ser o Márcio. Então, o Antonio deitado de bruços, já com uma respiração agônica, mas com o pulso ainda forte. Então, o enfermeiro já tinha trazido a prancha, nós rapidamente o levamos ao interior da ambulância, que tinha ficado no pátio. Eu ainda fiquei cerca de 10 a 15 minutos no interior da Polícia Federal, tubando, pulsionando veia, dando as mínimas condições para o transporte para o Souza Aguiar, onde eu cheguei por volta das 13h30. No Souza Aguiar, ele foi levado direto à sala de trauma e recebido pelos cirurgiões de plantão.

**O SR. DEPUTADO LINO ROSSI** – Daí termina, então, a missão do senhor? O senhor entrega no hospital e retorna à base?

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - Exatamente.

**O SR. DEPUTADO LINO ROSSI** - Eu vou deixar a questão do aprofundamento do laudo, agora, com a condução do Deputado Magno Malta.

**A SRA. PRESIDENTA** (Deputada Elcione Barbalho) - Com a palavra o Deputado Magno Malta.

**O SR. DEPUTADO MAGNO MALTA** - Doutor, quem é esse aqui?

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - Esse eu creio ser o Samuel.

**O SR. DEPUTADO MAGNO MALTA** - Esse aqui?

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - Esse, o Márcio.

**O SR. DEPUTADO MAGNO MALTA** - Quem estava na sala com o Antonio?

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - O Márcio.

**O SR. DEPUTADO MAGNO MALTA** - Esse aqui?



**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - Isso.

**O SR. DEPUTADO MAGNO MALTA** - O doutor delegado, já foi pedida uma acareação do senhor com ele? Esse aqui é qual?

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - Esse é o Márcio.

**O SR. DEPUTADO MAGNO MALTA** - Esse estava na cela?

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - Esse estava na cela.

**O SR. DEPUTADO MAGNO MALTA** - Com o Antonio?

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - Com o Antonio.

**O SR. DEPUTADO MAGNO MALTA** - Dessa forma? Com a perna enfaixada?

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - Com a perna enfaixada, já.

**O SR. DEPUTADO MAGNO MALTA** - Sim, o doutor delegado disse que, nesse momento, quando o senhor vem — e esse dado é importante, que o senhor acabou de dizer, que o Antonio estava de bruço, nós não sabíamos disso —, que nesse momento, quem estava na cela era o Samuel e não o Márcio. Esse, e não esse.

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - Uma evidência bem forte é de que esse preso que estava na cela junto com o Antonio, em algum momento em que eu estava atendendo o Antonio, perguntou se eu iria levá-lo ao Souza Aguiar também. E eu disse que não, até porque o estado dele realmente, de longe, não era da gravidade do Antonio, e levei só o Antonio. Mas, alguns minutos depois...

**O SR. DEPUTADO MAGNO MALTA** - Deixa eu mostrar aos Deputados aqui as fotos dos dois.

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - Mas, alguns minutos depois, esse preso que estava na cela com o Antonio foi levado novamente ao Souza Aguiar. Então, o boletim de entrada do Antonio, se eu não me engano, é o 35; desse segundo preso que estava na cela provavelmente é o 36 ou o 37.

**O SR. DEPUTADO MAGNO MALTA** - Certo. O que lhe levou, na primeira olhada... Aqui, quando o senhor entra, o senhor põe nome ignorado, porque ninguém lhe forneceu o nome.

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - Exatamente. Ninguém me disse o que havia acontecido, só me conduziram à cela. Em virtude da gravidade do



caso, eu não parei para questionar mais nada. Fui para o Souza Aguiar. Ele deu entrada no Souza Aguiar como ignorado. Depois que ele já estava sendo atendido pelos cirurgiões de plantão, um dos agentes me trouxe o nome e, com a minha própria letra, eu botei no boletim de prontuário do Souza Aguiar o nome dele.

**O SR. DEPUTADO MAGNO MALTA** - Certo, o senhor riscou aqui ignorado no outro prontuário, que está comigo também, e colocou o nome dele, e tirou, provavelmente, exatos 30 anos.

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - Eram exatos 36.

**O SR. DEPUTADO MAGNO MALTA** - É. Tem até no outro laudo que tenho aqui comigo, mas está debaixo dos papéis. Mas, aí, o senhor vai e assinala aqui. Isso aqui o senhor fez lá dentro da Polícia Federal: lesão cerebral.

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - Isso, exatamente.

**O SR. DEPUTADO MAGNO MALTA** - O que leva um médico a fazer uma afirmação dessa, rapidamente, olhando um indivíduo caído?

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - Não sou médico legista, mas, a princípio, pelo exame neurológico primário simples, posso chegar à conclusão de que ele tinha sofrido uma energia cinética muito grande, que estou acostumado a ver em motociclistas que andam sem capacete, por exemplo.

**O SR. DEPUTADO MAGNO MALTA** - O senhor falou duas palavras técnicas: a lesão neurológica ... Qual foi a outra palavra?

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - Energia cinética grande.

**O SR. DEPUTADO MAGNO MALTA** - Certo. O que significa mesmo?

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - Seria um impacto forte na região da cabeça, que teria levado a essas alterações no exame neurológico simples que fazemos na cena no acidente.

**O SR. DEPUTADO MAGNO MALTA** - A lesão de tórax.

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - A lesão de tórax, porque ele tinha diversas escoriações e equimoses por todo o corpo.

**O SR. DEPUTADO MAGNO MALTA** - O senhor tombou o corpo dele. Junto com o Cabo, virou-o de posição?

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - Isso. Como ele já estava de bruços, aproveitei e já examinei a região dorsal, um exame muito rápido, para ver se



não há alguma fratura vertebral, nada que me chame muito atenção. E depois, com cuidado da coluna cervical, rolo já para cima da prancha e examino a parte ventral, um exame rápido de abdome e de tórax. E o que me chamava mais atenção era o quadro neurológico, realmente, que exigia uma série de medidas rápidas.

**O SR. DEPUTADO MAGNO MALTA** - Certo. E essa fratura suspeita. Qual é a região?

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - É. Seria mais ou menos na região do tórax. Em virtude das equimoses, não posso afastar que ele tivesse algum trauma, alguma fratura de costela, ou, como nos casos de TCE grave, só com exame de imagem é que a gente afasta lesões de vértebras cervicais.

**O SR. DEPUTADO JOSÉ ANTONIO ALMEIDA** - Só um minuto. TCE. Não dê só a sigla.

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - Isso, desculpe. É o traumatismo cranioencefálico.

**O SR. DEPUTADO MAGNO MALTA** - Certo. E, aí, imediatamente o senhor pede a remoção dele?

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - É. Imediatamente eu o levei ao interior da ambulância; ele estava prestes a ter uma parada respiratória. Então, tive que começar as medidas ainda no pátio da Polícia Federal: providenciar uma ventilação artificial, com uma intubação traquial, acoplar no ventilador mecânico, pulsionar uma veia. Isso tudo é muito rápido. E, quando eu já tinha o paciente estabilizado, aí, levar ao Souza Aguiar o mais rápido possível.

**O SR. DEPUTADO MAGNO MALTA** - Certo. Agora, quando o senhor chegou no Bombeiro, quem lhe conduziu até à cela em que estava o Antonio? Foi um agente, foi o próprio delegado que lhe recebeu?

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - Não saberia dizer ao senhor, ninguém se identificou. Cheguei, tinha poucos agentes, perguntei o que houve, porque até então podia ser um mal súbito, algum familiar de algum preso passando mal, alguma coisa bem mais simples. E, aí, ele nos conduziu à cela, que é, entrando na Polícia Federal, a primeira cela logo à esquerda. Então, no campo de visão, a gente já viu que tinha um homem estendido, já não perguntei mais nada, fui para o meu atendimento.



**O SR. DEPUTADO MAGNO MALTA** - Lá não tinha nenhum agente, não tinha ninguém na cela?

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - Na cela, não. A cela estava de porta aberta, o Antonio deitado de bruços, o Márcio sentado no canto da cela e mais ninguém, nem dentro ...

**A SRA. PRESIDENTA** (Deputada Elcione Barbalho) - Quantas pessoas lhe conduziram?

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - Aproximadamente umas duas pessoas.

**O SR. DEPUTADO MAGNO MALTA** - Qual a reação ...

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - No máximo, três pessoas.

**O SR. DEPUTADO MAGNO MALTA** - Qual a reação do Márcio quando lhe viu? Ele fez algum comentário, falou alguma coisa, você perguntou alguma coisa para ele?

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - Não, não.

**O SR. DEPUTADO MAGNO MALTA** - Ele não falou nada?

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - Não falou nada, estava num canto. Enquanto eu estava rodando o Antonio para botar na prancha, ele me perguntou se eu iria levá-lo também. Mas geralmente quando a vítima está falando, me deixa até mais tranquilo de saber que ela está bem. Então, nem dei muita atenção e parti para o Antonio.

**O SR. DEPUTADO MAGNO MALTA** - O Márcio, então, lhe pergunta se ele também seria levado para o hospital?

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - Me perguntou.

**O SR. DEPUTADO MAGNO MALTA** - Certo. Ao deixar a cela, não é o senhor que...

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - Não. Sou eu, sou eu.

**O SR. DEPUTADO MAGNO MALTA** - Pegou na maca também?

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - Eu e o Cabo que carregamos a prancha.

**O SR. DEPUTADO MAGNO MALTA** - Foram os dois mesmos. Então, o delegado em nenhum momento foi falar com o senhor? Porque, se tem uma pessoa





traumatizada dentro da delegacia dele, chega o médico que vai fazer o socorro e o delegado não foi ter uma conversa, nada? Dizer: Dr. o que houve mesmo com ele aí e tal, que providência ... Não houve nada disso?

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - Nada disso. Eu não saberia dizer para o senhor se uma dessas duas ou três pessoas que me conduziram à cela eram agentes ou talvez até algum dos delegados. Mas ninguém se identificou e, em virtude da gravidade, eu também não parei para perguntar nada.

**O SR. DEPUTADO MAGNO MALTA** - O senhor, ao entregar o Antônio no hospital Souza Aguiar, o senhor permaneceu por algum tempo ou fez a entrega, fez a transferência e partiu, depois é que teve notícia? Porque, na verdade, o senhor, que acompanhou o Antonio... ele já saiu da Polícia Federal..., qual era o estágio dele? Assim, de um a dez, as possibilidades de vida dele? Um, dois, três...?

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - É muito difícil eu dizer isso pro senhor, até porque o quadro neurológico é o mais imprevisível. Às vezes, a gente diz que uma pessoa nunca mais vai andar e, dois meses depois, ela está jogando bola. Era um estágio...um estado de um coma grave, mas que, muitas vezes, a pessoa consegue sobreviver, com seqüelas neurológicas, talvez. Mas era um quadro grave, tanto que, no Souza Aguiar, primeiro, eu o levei à sala de trauma e depois é que eu descii para fazer a ficha, com ele já sendo atendido pelos cirurgiões. Não tinha tempo a perder.

**O SR. DEPUTADO MAGNO MALTA** - Ele é como se já estivesse no finzinho mesmo, um quadro bem avançado?

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - Ele tinha um coma grave. A gente usa uma escala técnica, uma Escala de Coma de Glasgow, que ela quantifica a gravidade desse coma; vai de 3 a 15. Então, ela avalia a resposta verbal, a resposta motora e a abertura ocular. O Antônio, nesse momento em que eu o atendi, ele tinha uma Escala de Coma de Glasgow de 8: ele não tinha abertura ocular, não tinha nenhuma resposta verbal aos estímulos (*ininteligível*), mas movimentava os membros inferiores. Então, ele recebeu uma nota 8, foi ao Souza Aguiar com essa nota, e, à noite — quer dizer, depois desse atendimento, eu devo ter voltado ao Souza Aguiar umas dez vezes, com outros pacientes —, e à noite eu já soube que ela já estava com um Glasgow de 3, já evoluindo para a morte cerebral. Então, no





momento em que ele chegou, ele tinha um Glasgow de 8, e que é possível que saia com uma neurocirurgia, com um tratamento. Não tem como a gente fazer nenhuma previsão.

**O SR. DEPUTADO MAGNO MALTA** - Doutor, o senhor é jovem ainda, mas...

**O SR. DEPUTADO JOSÉ ANTONIO ALMEIDA** - Um aparte, Deputado. Quanto mais baixo, é mais grave?

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - Quanto mais baixo, mais grave, exatamente.

**O SR. DEPUTADO MAGNO MALTA** - O senhor já fez algum outro atendimento, por exemplo, a qualquer das Polícias e que foi solicitado por um superior?

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - Eu já fui, por exemplo, à Delegacia de Polícia Civil, mas nunca para atender detentos. Isso é até um problema, porque, às vezes, eles chamam o DESIPE, às vezes, eles chamam o Bombeiro. Como Militar, eu poderia até me prender às normas gerais de ação e dizer que não é a nossa área, mas, por outro lado, eu sou médico, então, teria o lado de omissão de socorro. Então, eu sempre vou. Agora, no interior de uma instituição, nunca com essa gravidade, sempre casos leves.

**O SR. DEPUTADO MAGNO MALTA** - Mas, sem a gravidade, o superior do momento, sei lá, o oficial de dia, o delegado de plantão, nessas incursões, esse oficial de dia, esse superior, esse delegado trocou alguma palavra para saber...

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - Sem dúvida. Sem dúvida, costuma passar o caso pra gente.

**O SR. DEPUTADO MAGNO MALTA** - Passa o caso. E, depois de examinado, perguntou: como é que está, o que é que e tal?

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - Exatamente.

**O SR. DEPUTADO MAGNO MALTA** - Não lhe causou estranheza chegar na Polícia Federal com um quadro daquele, não haver identificação, e o delegado de dia não ir na sua direção no final do exame para saber? Porque, afinal de contas, era um sujeito que estava em estado grave, desacordado, dentro de uma cela, numa delegacia dele, quando ele estava de plantão naquele dia. Não lhe causou estranheza o delegado não ter vindo e não ter conseguido falar com ninguém?



**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - É, não...Até realmente é estranho, mas, em virtude da gravidade, eu não parei para pensar em mais nada. A minha preocupação naquele momento era o Antônio, fazer uma remoção rápida, com segurança. Realmente, a questão da identificação me causa problemas, porque é muito ruim o paciente entrar num hospital como ignorado. Fica misturado num mundo muito grande que o Souza Aguiar atende. Mas o problema foi solucionado logo que a gente chegou no hospital.

**O SR. DEPUTADO MAGNO MALTA** - Mas o mais estranho não é ser ignorado dentro do Departamento de Polícia Federal...

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - Sem dúvida.

**O SR. DEPUTADO MAGNO MALTA** - ...que detém ene informações, tem computadores, tem interligações com as polícias militar e civil e também com outros órgãos de identificação e que rapidamente poderia saber quem que estava ali preso?

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - Poderia, poderia ter sido passado até pro centro de operações, no momento em que foi solicitado o serviço.

**O SR. DEPUTADO MAGNO MALTA** - Então, isso lhe causou estranheza de não ter identificação?

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - Me causou estranheza.

**O SR. DEPUTADO MAGNO MALTA** - Não ter tido a identificação. Então, eu suponho que o troço foi tão fácil, do ponto de vista de entrar e tirar o Antônio, que, se o Antônio fosse uma barra de ouro, se entraria na Polícia Federal com muita tranqüilidade, levaria a barra de ouro, sem ser molestado por ninguém.

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - É, pelo seu raciocínio, sim.

**O SR. DEPUTADO MAGNO MALTA** - Sra. Presidente, eu gostaria de dizer que necessário se faz, mesmo que nós tenhamos..., essa acareação. Ela é de muita importância, é um dado importante, e a posição que o Antônio estava, não é?

**A SRA. PRESIDENTA** (Deputada Elcione Barbalho) - Sem dúvida, Deputado.

**O SR. DEPUTADO MAGNO MALTA** - A posição que ele estava, e acho que não teremos nenhum problema. E quero requerer que essa acareação, assim como o tenente médico socorreu, fez um laudo, está aqui e quis a audiência pública sem nenhum problema, que, da mesma forma, essa acareação seja pública.



**A SRA. PRESIDENTA** (Deputada Elcione Barbalho) - Pois não, muito obrigada. Nós vamos providenciar. Deputado José Antonio.

**O SR. DEPUTADO JOSÉ ANTONIO ALMEIDA** - Vou fazer poucas perguntas, porque acho que ele já esclareceu bem os fatos como ocorreram. No caso, a solicitação se referia a mal súbito.

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - Exatamente. Mal súbito.

**O SR. DEPUTADO JOSÉ ANTONIO ALMEIDA** - Não foi dito quem era a pessoa que estava com mal súbito nem falou se detento, nada?

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - É, esse é um detalhe que eu tenho que explicar para o senhor. Se o senhor pegar o celular agora e discar para 193, quem atende o senhor é um soldado dentro do centro de operações.

**O SR. DEPUTADO JOSÉ ANTONIO ALMEIDA** - Pois não.

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - Ele tem a identificação de chamadas, anota sua solicitação, passa para a mesa do lado, dessa outra mesa ele vê qual é a ambulância mais próxima e passa para a sala de comunicações do quartel central. Então, geralmente, por telefone, essa informação é abreviada. Então, a informação que eu recebia foi: solicitante: Dr. Marcelo; mal súbito; interior da Polícia Federal. Então, eu não saberia dizer para o senhor exatamente como o Dr. Marcelo fez a solicitação.

**O SR. DEPUTADO JOSÉ ANTONIO ALMEIDA** - Mas a solicitação foi de uma ambulância com médico?

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - Uma ambulância para atendimento de mal súbito.

**O SR. DEPUTADO JOSÉ ANTONIO ALMEIDA** - Que geralmente vai...o médico acompanha a ambulância nesse caso?

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - É, são 59 ambulâncias que temos no Estado do Rio de Janeiro, trinta medicalizadas, com médico, e vinte e nove que correm com técnicos de emergência médica, que também estão plenamente aptos a atender esses casos.

**O SR. DEPUTADO JOSÉ ANTONIO ALMEIDA** - Certo. Então, nesse caso, o senhor estava de plantão lá?

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - Todo sábado.



**O SR. DEPUTADO JOSÉ ANTONIO ALMEIDA** - Todo sábado. Deixe-me ver mais...O senhor...Aqui tem uns dados interessantes. O senhor chegou... A comunicação para o Corpo de Bombeiros foi às 12h50min?

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - Isso, na sala do Centro de Operações.

**O SR. DEPUTADO JOSÉ ANTONIO ALMEIDA** - Às 12h53min...

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - Foi passado para mim. Aí é como expliquei: no caso de uma colisão, um atropelamento, uma ferida de arma de fogo, a gente não confirma, a gente parte direto para o socorro. No caso de um mal súbito, geralmente a gente confirma, porque a vítima já pode ter sido removida, na verdade, pode ser algum morador de rua que esteja dormindo e alguém chamou a ambulância ou pode ser até um trote. Como, no caso, era um órgão público, uma autoridade, eu resolvi nem confirmar.

**O SR. DEPUTADO JOSÉ ANTONIO ALMEIDA** - Pois não.

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - Então, meio-dia e cinqüenta e três...

**O SR. DEPUTADO JOSÉ ANTONIO ALMEIDA** - É próximo o Corpo de Bombeiros para o local? É bem próximo?

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - Da Praça da República para a Praça Mauá, a gente levou sete minutos. Hoje em dia, a gente tem duas motos; com certeza, esse tempo de resposta seria menor.

**O SR. DEPUTADO JOSÉ ANTONIO ALMEIDA** - Certo. Aí, às 13h25min, o senhor saiu da Polícia Federal? É mais ou menos isso?

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - É mais ou menos isso. Eu cheguei por volta de 1h, levei uns cinco minutos para tirar da cela e levar ao interior da ambulância e mais uns vinte minutos até conseguir estabilizá-lo.

**O SR. DEPUTADO JOSÉ ANTONIO ALMEIDA** - Certo. Aí, o senhor chegou no hospital, que também é próximo. O Souza Aguiar é bem próximo também?

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - Bem próximo, bem próximo.

**O SR. DEPUTADO JOSÉ ANTONIO ALMEIDA** - Por volta de 13h30min, mais ou menos, o senhor chegou ao Souza Aguiar?

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - Exatamente, exatamente.



**O SR. DEPUTADO JOSÉ ANTONIO ALMEIDA** - O senhor acompanhou o primeiro, vamos dizer assim, não é bem diagnóstico... O primeiro contato que foi feito, eles disseram a situação em ele foi recebido, o médico...para quem o senhor passou a...

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - É, quando a gente tem casos dessa gravidade, a gente leva logo à sala de ressuscitação do Souza Aguiar, a sala de trauma. Lá geralmente já tem alguns cirurgiões; quando não tem, a gente aciona a campainha, e, em poucos segundos, a equipe de cirurgia chega. Então, eu passei para os cirurgiões de plantão; ele já estava entubado, já tinha um acesso venoso, eles já puderam partir para um exame mais pormenorizado. Então, fizeram algumas análises, um lavado peritonial, para ver se tinha sangue em cavidade, alguma coisa assim e provavelmente — aí eu já não estava presente — partiram para os exames complementares.

**O SR. DEPUTADO JOSÉ ANTONIO ALMEIDA** - No boletim do Souza Aguiar de 14h06min, ele já foi colocado como coma profundo. É de acordo, compatível com a sua avaliação que o senhor fez inicialmente?

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - É, sem dúvida.

**O SR. DEPUTADO JOSÉ ANTONIO ALMEIDA** - Obrigado, estou satisfeito.

**O SR. DEPUTADO LINO ROSSI** - Sra. Presidenta.

**A SRA. PRESIDENTA** (Deputada Elcione Barbalho) - Pois não, Sr. Deputado.

**O SR. DEPUTADO LINO ROSSI** - Eu quero só um questionamento ao Tenente. Eu sei que é muito difícil a resposta. Mas, na visão do senhor, na experiência que o senhor tem, que o senhor só lida mesmo ali com situações complicadas, acidentes e tal, quer dizer, o senhor, como médico, como militar, como oficial bombeiro, o que pareceu para o senhor? O que o senhor imagina vendo a cena do Antonio daquela forma? Que tipo de coisa poderia ter acontecido, se uma pessoa só faria aquilo, se é possível que ele tenha se autoflagelado até chegar àquele ponto...? Ou seja, se o mundo desabou sobre ele...? Qual é o quadro que o senhor conseguiria imaginar daquilo, se o senhor tivesse de explicar para o mundo o que havia acontecido ali sem ter dados, quais seriam as suposições que o senhor teria?



**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - O que eu posso dizer com certeza é que ele sofreu uma energia cinética muito grande. Em medicina, a gente costuma dizer que nem nunca nem sempre. Se o senhor me perguntasse se uma pessoa poderia ter feito aquilo, eu não poderia dizer que nunca uma pessoa só poderia ter feito aquilo. Eu acho muito improvável que somente um agressor pudesse ter feito lesões de tal gravidade, mas não tem como afastar isso. Com certeza, ele sofreu uma energia cinética muito grande, era um trauma muito forte. O que chamava mais a atenção era o quadro neurológico, o traumatismo cranioencefálico grave.

**O SR. DEPUTADO LINO ROSSI** - Fraturas expostas?

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - Não, não, não. Nada que chamasse a atenção dos membros inferiores ou superiores. E eu costumo ver isso muito, como eu citei, em casos de motociclistas sem capacete que colidem em uma velocidade de 40, 60 quilômetros por hora.

**O SR. DEPUTADO LINO ROSSI** - Admitamos, então..., vamos..., nós temos de fazer suposições, para tentar encontrar uma verdade que hoje alguns membros da Polícia Federal tentam nos esconder. Seria quanto tempo de recebimento dessa energia cinética que o senhor fala aí? Humanamente se suportaria quanto tempo recebendo esse tipo de pressão que o senhor coloca? Uma hora? Um dia? Meia hora?

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - Não tenho como fazer essa suposição.

**O SR. DEPUTADO JOSÉ ANTONIO ALMEIDA** - Só um aparte. Doutor, o senhor disse que ele sofreu um impacto muito grande; energia cinética é um impacto muito grande.

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - Sem dúvida.

**O SR. DEPUTADO JOSÉ ANTONIO ALMEIDA** - Isso, na sua avaliação, poderia ter sido feito à mão livre, ou seja, sem um instrumento contundente, algo que pudesse causar isso? Uma pessoa com as suas próprias forças poderia causar aquele impacto?

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - Essa pergunta que o senhor me faz é muito difícil, porque eu não sou médico legista. Numa experiência como



médico-socorrista, eu acho que não. E realmente não tinha nenhum objeto dentro da cela.

**O SR. DEPUTADO JOSÉ ANTONIO ALMEIDA** - O senhor não conhece nenhum caso em que não tenha sido ou velocidade...não tenha....algo... Para produzir aquele impacto, tem de haver alguma coisa, vamos dizer assim, ou um instrumento para bater ou um... — como se fala? —... a velocidade de um...

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - De um impacto.

**O SR. DEPUTADO JOSÉ ANTONIO ALMEIDA** - ... de um impacto.

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - Creio que sim.

**O SR. DEPUTADO JOSÉ ANTONIO ALMEIDA** - Quer dizer, a velocidade leva consigo a força, não é? Se produz... Então, se fosse uma situação normal, uma pessoa... uma briga, normalmente isso não aconteceria?

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - É, normalmente não aconteceria.

**O SR. DEPUTADO JOSÉ ANTONIO ALMEIDA** - Obrigado.

**O SR. DEPUTADO LINO ROSSI** - Qual é a chance...

**A SRA. PRESIDENTA** (Deputada Elcione Barbalho) - Eu queria...

**O SR. DEPUTADO LINO ROSSI** - Desculpe, Presidente. O delegado já chegou a colocar aqui que a coisa pode ter acontecido numa briga entre os dois, o Antonio e o Samuel, me parece, e o Samuel com um tiro nas pernas; o Márcio. Esse ferimento que o Márcio tem, o senhor acha possível, na condição física dele e na compleição física do Antonio, é possível esse menino causar um estrago tão grande assim?

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - Eu diria que é muito improvável, mas, em nenhum momento, eu examinei o Márcio para saber a gravidade da lesão dele e não saberia dizer como o Antonio estava previamente. Por exemplo, se ele estivesse alcoolizado, ele, mesmo sendo muito mais forte, ele estaria com as suas defesas diminuídas. Então, não tem como eu precisar isso para o senhor de forma alguma.

**O SR. DEPUTADO MAGNO MALTA** - Sra. Presidenta, antes, eu quero sugerir aqui, até porque o Relator vai...porque nós vamos fazer essa acareação, eu queria sugerir que a senhora determinasse, porque, eu...eu..., o meu sentimento já





me diz que tem uma outra arrumação nesse negócio. Esses meninos, o Márcio esteve na cela com o Antonio, ele viu; o menino, depois, aqui falou que eles estiveram em celas separadas, não se viram. Eles só ouviram gritos, e o Márcio ainda perguntou para ele: "O senhor vai me levar?" Quem combinou isso com o Márcio, para ele dizer que não estava na cela com o Antonio? E o Márcio foi muito bonzinho aqui no depoimento dele, ele concordou com tudo que estava no depoimento. Então, eu sugiro...O delegado disse que quem estava era o Samuel; quem estava era o Márcio; segundo o depoimento e reconhecimento de foto, não era o Samuel que estava na cela e, sim, o Márcio. Há uma contradição na fala do delegado, na fala dos meninos, e aqui me parece uma combinação de fora para dentro. Por isso, quero sugerir à senhora que também mande trazer os dois meninos, para fazermos uma acareação a quatro, porque aqui nós vamos extrair um ponto.

**O SR. DEPUTADO HELENILDO RIBEIRO** - Sra. Presidenta, gostaria só, nesse encerramento, quase tudo está esclarecido dentro daquilo que já esperava do laudo, mas há uma coisa que eu estou curioso para saber. Na versão da Polícia Federal, as lesões do Antonio foram provocadas por uma briga entre ele e o companheiro de cela, não importa que seja o Márcio, no caso, nem o Samuel. Quando o senhor chegou, a cela estava aberta?

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - Estava aberta.

**O SR. DEPUTADO HELENILDO RIBEIRO** - A pessoa que estava dentro da cela, ela estava contida por alguns policiais ou ela estava apenas olhando a pessoa que estava no chão?

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - Não, ele estava sentado no canto da cela, e realmente, em virtude da gravidade do Antonio, eu nem prestei muita atenção, não saberia precisar para o senhor se ele ainda estava algemado ou não. Estava no canto da cela e, durante o atendimento, me perguntou se eu iria levá-lo também.

**O SR. DEPUTADO HELENILDO RIBEIRO** - Mas, com certeza, não tinha nenhum policial perto dele?

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - Dentro da cela, não, não.



**O SR. DEPUTADO HELENILDO RIBEIRO** - E, da cela até onde o senhor passou a ver, a vê-la, a cela, havia alguns policiais próximos tomando conta do que tinha ocorrido...

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - Não, não.

**O SR. DEPUTADO HELENILDO RIBEIRO** - ...ou a porta estava aberta e não tinha ninguém tomando conta?

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - Não, a porta estava aberta e eu vi poucos agentes.

**O SR. DEPUTADO HELENILDO RIBEIRO** - E lá na porta da cela não tinha ninguém?

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - Não tinha ninguém.

**O SR. DEPUTADO HELENILDO RIBEIRO** - Muito obrigado.

**A SRA. PRESIDENTA** (Deputada Elcione Barbalho) - Eu só queria pedir a compreensão dos Srs. Deputados. Em razão do andamento dessas nossas apurações, está havendo uma necessidade premente de nós agilizarmos alguns requerimentos aqui. Agora mesmo, foi colocada mais outra proposição pelo Deputado Magno Malta, e nós já temos aqui o requerimento sobre a mesa do Deputado João Herrmann. Então, eu pediria que a gente votasse isso, enquanto nós estamos para tomar as devidas providências de trazer até aqui a esse local as pessoas que estão sendo solicitadas com as suas presenças. Então, aqui estamos com o requerimento do Deputado João Herrmann, que requer a presença dos agentes policiais Mingozzi, Carvalho, Bessa e Ribamar, *“citados no depoimento do delegado de Polícia Federal, Dr. Marcelo Duval Soares, nesta data e que poderiam ‘ter entrado’ na cela em que estava o então detendo Antônio Gonçalves de Abreu, afrontando, assim, a sua autoridade”*. Eu pediria para colocar em votação. Em discussão. (Pausa.) Em votação. (Pausa.) Os Deputados que aprovam permaneçam como estão. (Pausa.) Aprovado. E eu já pediria para depois vir já devidamente datilografado, mas que nós já antecipássemos de uma forma oral. Quero encaminhar já a proposição do Deputado Magno Malta, enquanto se providencia o documento por escrito.

**O SR. DEPUTADO MAGNO MALTA** - Só lembrando, Sra. Presidenta, que eles já estão à disposição da CPI.



**A SRA. PRESIDENTA** (Deputada Elcione Barbalho) - Pois não.

**O SR. DEPUTADO MAGNO MALTA** - V.Exa. ontem colocou-os à disposição.

**A SRA. PRESIDENTA** (Deputada Elcione Barbalho) - Sem dúvida, apenas peço que sejam trazidas aqui. E quero também lembrar, Deputado, que o Márcio estava muito nervoso. Chamei até a atenção que ele estava com umas manchas vermelhas, que eu pensei até que fossem de agressão. Ele realmente estava nervoso. Então, eu louvo a sua atitude de pedir que haja essa acareação também dos dois rapazes que participaram desse problema.

**O SR. DEPUTADO MAGNO MALTA** - Ele disse que ficou entre os dois armários (*inaudível*)...

**A SRA. PRESIDENTA** (Deputada Elcione Barbalho) - Sem dúvida. E com um detalhe: quando ele ficou entre os dois armários, ele dizia que não via nada e que o corpo dele estava totalmente tomado, enquanto o amigo dele posteriormente disse que via as pernas dele do lado de fora dos armários. Então, eu gostaria que a gente desse isso por aprovado, para que a gente pudesse dar continuidade ao interrogatório. Muito obrigada. Com a palavra o Deputado João Herrmann.

**O SR. DEPUTADO JOÃO HERRMANN NETO** - Tenente, em primeiro lugar, eu fui Prefeito e quero cumprimentá-lo e aos trabalhos que seus colegas, tanto de corporação quanto também de profissão, realizam para a comunidade brasileira.

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - Muito obrigado.

**O SR. DEPUTADO JOÃO HERRMANN NETO** - Tenho certeza, jovem da forma como é, já deve ter salvo uma centena de vidas ao lado dos seus colegas e dos seus companheiros. Oxalá, outras instituições brasileiras tenham o mesmo caráter. Eu, que sou bombeiro honorário, sei o caráter que tem essa corporação e o que os senhores desenvolvem.

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - Muito obrigado.

**O SR. DEPUTADO JOÃO HERRMANN NETO** - Portanto, quero cumprimentá-lo e que externe isso a toda a sua corporação. Mas gostaria de fazer algumas perguntas que podem me ajudar muito e a esta CPI, Sra. Presidente. A corporação foi chamada pelo 193.

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - Exatamente.



**O SR. DEPUTADO JOÃO HERRMANN NETO** - E o senhor disse que, quando se trata de traumas violentos, acidentes, não é checada a informação e imediatamente se deslocam, o que foi um deslocamento rápido de sete minutos, como o senhor fez. Com certeza, a sua corporação aqui do Rio de Janeiro — sou de São Paulo —, a sua corporação do Rio de Janeiro tem bina.

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - Exatamente.

**O SR. DEPUTADO JOÃO HERRMANN NETO** - Como é que o senhor soube, naquele instante, pelo seu depoimento, de que se tratava de um chamado da Polícia Federal?

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - O 193 cai no Centro de Operações, no caso, da Praça da República, e, nessa ficha que vem para a sala de comunicações, é uma ficha realmente resumida, em que vem o nome do solicitante, o número do telefone que a pessoa passou e o que foi identificado e do que se trata. Então, na verdade, se eu quisesse confirmar esse número, eu teria de sair da sala de comunicações, andar uns dez metros até o Centro de Operações para ver na tela do computador. Mas raramente é preciso.

**O SR. DEPUTADO JOÃO HERRMANN NETO** - Não, mas o senhor disse, no seu depoimento, que deixou de fazer qualquer tipo de aferição, porque se tratava de um telefonema da Polícia Federal.

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - Isso.

**O SR. DEPUTADO JOÃO HERRMANN NETO** - Quem lhe informou que se tratava de um telefonema da...?

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - Estava na ficha, vinha escrito interior da Polícia Federal.

**O SR. DEPUTADO JOÃO HERRMANN NETO** - Estava na ficha da Polícia Federal. Seria possível resgatar o número do telefone que ligou e a pessoa que ligou? Porque, no momento em que o 193 é acionado, o bina...

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - É, eu acho que, ontem, o Dr. Paulo Yung me mostrou a ficha, inclusive com o cronograma dessa passagem de...

**O SR. DEPUTADO JOÃO HERRMANN NETO** - Sim, o cronograma está aqui. Agora, o nome da pessoa que teria ligado.



**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - Provavelmente tem registro. Provavelmente tem registro.

**O SR. DEPUTADO JOÃO HERRMANN NETO** - É possível resgatar isso, Presidente?

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado José Antonio Almeida) - Poderia ser encaminhada para a CPI essa...?

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - Esse cronograma? Acredito que sim.

**O SR. DEPUTADO JOÃO HERRMANN NETO** - Porque é um registro importante, porque, de repente, alguém liga e diz assim: *“Olha, eu sou da Polícia Federal, Dr. Ambrósio”*. Quer dizer, então, precisaria saber que número foi ligado e a pessoa, para nós checarmos de onde esse telefonema foi dado e por que pessoa responsável e se estava lá no ato do chamamento.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado José Antonio Almeida) - O senhor tem idéia de quanto tempo é guardada essa informação, se ela fica arquivada em computador, se fica arquivada só no manual?

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - Provavelmente fica em computador também.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado José Antonio Almeida) - Também, né?

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - Provavelmente fica em computador também.

**O SR. DEPUTADO JOÃO HERRMANN NETO** - Então, eu solicitaria o número que foi ligado e a pessoa que chamou a operação.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado José Antonio Almeida) - Certo. V.Exa. prossiga.

**O SR. DEPUTADO JOÃO HERRMANN NETO** - O senhor disse, Tenente, que, quando chegou, havia poucos agentes.

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - Poucos agentes.

**O SR. DEPUTADO JOÃO HERRMANN NETO** - Evidente, estou tratando de um assunto que sei que foi visual, rápido, e o senhor está mais tentando chegar à vítima do que ao cenário.

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - Isso, sem dúvida.



**O SR. DEPUTADO JOÃO HERRMANN NETO** - Não vou lhe perguntar a cor da motocicleta no momento em que o senhor tem o motociclista ao chão.

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - É, quando a gente chega, a gente se prende...

**O SR. DEPUTADO JOÃO HERRMANN NETO** - É vale a vítima. Agora, a minha pergunta é a seguinte: porventura, no seu campo visual, o senhor se recordaria se o senhor está chamando de agentes pessoas que se identificaram como agentes, diziam que eram agentes ou eles portavam distintivos como agentes?

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - Não, não, não saberia dizer. Não saberia dizer.

**O SR. DEPUTADO JOÃO HERRMANN NETO** - Eles estavam absolutamente à paisana.

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - À paisana.

**O SR. DEPUTADO JOÃO HERRMANN NETO** - Quer dizer, se eram agentes da Polícia Federal, se eram pessoas estranhas, se eram delegados, não portavam — isso é importante —, não portavam nenhum tipo de identificação?

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - Eu não saberia precisar para o senhor. Não atentei para esse fato.

**O SR. DEPUTADO JOÃO HERRMANN NETO** - Mas, no visual..., porque eles carregam... Por exemplo, nós temos um agente da segurança aqui dentro e imediatamente... Os agentes da Polícia Federal portam, como o senhor sabe, portam um semidocumento exposto ou aquele *button* de Delegado da Polícia Federal. Quando é agente, é por fora, e, quando é Delegado, um *button* da Polícia Federal.

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - Não conseguiria lembrar.

**O SR. DEPUTADO JOÃO HERRMANN NETO** - O senhor não se lembra do campo visual, assim, de impacto, se essas pessoas estariam identificadas como sendo da Polícia Federal?

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - É, não, não conseguiria lembrar.



**O SR. DEPUTADO JOÃO HERRMANN NETO** - E eles não estavam à porta da cela. O senhor entrou e, pura e simplesmente, viu a cela e a vítima.

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - Exatamente.

**O SR. DEPUTADO JOÃO HERRMANN NETO** - E uma pergunta também importante para o depoimento: do seu campo visual havia armários?

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - Não me recordo de armários.

**O SR. DEPUTADO JOÃO HERRMANN NETO** - Porque, é lógico, o senhor está com uma fotografia, essa fotografia, quando o senhor entrou, o senhor deve ter visto uma cela à esquerda, uma cela à direita...

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - Não, só havia essa cela.

**O SR. DEPUTADO JOÃO HERRMANN NETO** - Só havia essa cela?

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - Só havia essa cela.

**O SR. DEPUTADO JOÃO HERRMANN NETO** - E não havia nenhum tipo de móvel, assim, alto, tipo armário, vestiário, qualquer coisa desse tipo?

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - Que eu lembre, não.

**O SR. DEPUTADO JOÃO HERRMANN NETO** - Está bom, obrigado.

*(Intervenção inaudível.)*

**O SR. DEPUTADO JOÃO HERRMANN NETO** - *(Riso.)* Continuando, o Delegado que depôs aqui o senhor o conhece, o Dr. Marcelo?

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - Não, não conheço.

**O SR. DEPUTADO JOÃO HERRMANN NETO** - Não conhecia e não conhece?

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - Não conhecia e não conheço.

**O SR. DEPUTADO JOÃO HERRMANN NETO** - Se o viu, foi apenas por jornais ou qualquer coisa desse tipo?

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - Não me recordo nem por jornais.

**O SR. DEPUTADO JOÃO HERRMANN NETO** - Nem por jornais. Quer dizer, o senhor não o viu. Então, para mim é importante e creio que o Sr. Presidente me autorizaria. Desde a sua entrada às 13h30min, o atendimento emergencial, a sua saída dez ou quinze minutos depois, com esses agentes e a cela aberta, a única pessoa identificável pelo senhor é apenas aquele a que o senhor se refere como





sendo o Márcio, que estava dentro da cela? Nenhuma outra pessoa, nenhuma outra autoridade, apesar da gravidade do caso, se apresentou até a sua pessoa?

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - É, nenhuma autoridade.

**O SR. DEPUTADO JOÃO HERRMANN NETO** - Nenhuma autoridade?

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - Nenhuma.

**O SR. DEPUTADO JOÃO HERRMANN NETO** - Isso denota uma falta de empenho no desempenho do seu dever já por parte do Delegado. E houve o depoimento, que o senhor não tem conhecimento, mas, para nós, também é muito importante. O senhor chegou, a cela estava aberta?

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - A cela estava aberta.

**O SR. DEPUTADO JOÃO HERRMANN NETO** - E dentro somente o que depois se identificou como Márcio?

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - É.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado José Antonio Almeida) - Só esse dado aqui: ele falou o nome dele ou depois o senhor verificou pelos jornais?

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - Não, não. Pelas fotos, eu acredito que seja o Márcio e, com certeza, foi quem deu entrada no Souza Aguiar minutos depois do Antonio.

**O SR. DEPUTADO JOÃO HERRMANN NETO** - Perfeito. Então, lá dentro estava apenas o Márcio. Pelo seu depoimento, o Antonio, depois em óbito, estava em decúbito dorsal.

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - Isso, estava de braços no chão da sala.

**O SR. DEPUTADO JOÃO HERRMANN NETO** - Estava de braços. O senhor o viu de braços?

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - Isso.

**O SR. DEPUTADO JOÃO HERRMANN NETO** - Havia sinais de violência dentro da cela?

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - É, a cela estava forrada com papelão, e um papelão muito úmido, com sangue em volta do corpo.

**O SR. DEPUTADO JOÃO HERRMANN NETO** - Com sangue. Isso para mim é importante. Quer dizer, em torno do corpo havia sinais de sangue recente?



**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - De sangue recente.

**O SR. DEPUTADO JOÃO HERRMANN NETO** - De sangue recente. Em profusão?

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - Sem dúvida.

**O SR. DEPUTADO JOÃO HERRMANN NETO** - Só para terminar esse aspecto. E o Márcio estava com a perna enfaixada?

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - Pela foto, acredito que ele já estivesse com a perna enfaixada.

**O SR. DEPUTADO JOÃO HERRMANN NETO** - Com a perna enfaixada. Se ele tivesse... enfaixado com uma gaze branca?

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - Isso.

**O SR. DEPUTADO JOÃO HERRMANN NETO** - Se ele tivesse participado de uma agressão de tal natureza, como o senhor viu, os papelões empapados de sangue, além do sangue que a vítima devesse ter exibido e o ferimento a que ele estava naquele momento atado, pela sua experiência, essa pessoa não teria também sido contaminada pelo sangue tanto da vítima quanto do esforço pessoal que ele tivesse feito, apesar da bandagem?

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - Acredito que sim, sem dúvida.

**O SR. DEPUTADO JOÃO HERRMANN NETO** - Ou seja, não apenas esse ferimento leve, essa leve mancha que aparece na fotografia de sangue, mas, sim, pelo esforço da perna atingida, apesar da bandagem, também o ferimento teria se dilacerado, ou seja, haveria mais profusão de sangue? Além do que, se a vítima realmente tivesse se atracado com ele além do papelão, ele também teria, com a faixa branca, sido contaminado pelo sangue ambiente.

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - Sem dúvida.

**O SR. DEPUTADO JOÃO HERRMANN NETO** - E o senhor não viu sob a faixa e depois que teve mais possibilidade de vê-lo nenhuma contaminação de grande porte de sangue em cima da perna atada?

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - Não, nada que chamasse a atenção.

**O SR. DEPUTADO JOÃO HERRMANN NETO** - Nada que chamasse a atenção. Portanto, a pergunta é objetiva, se ele tivesse participado de uma agressão



e tivesse usado a sua perna como forma de agressão, o campo de sangue teria sido mais intenso?

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - Sem dúvida.

**O SR. DEPUTADO JOÃO HERRMANN NETO** - Portanto, tudo levaria a crer que essa pessoa não poderia ter praticado tal agressão?

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - Sem dúvida.

**O SR. DEPUTADO JOÃO HERRMANN NETO** - Quando o senhor debruçou sobre a maca e colocou na prancha de madeira, ele soltava sangue pelo ouvido, pela boca, pelo nariz?

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - Nada em grande quantidade. Nada que chamasse a atenção, mas realmente a hemorragia externa não causa nenhum espanto assim, que a gente preste muita atenção, nenhum indício de gravidade.

**O SR. DEPUTADO JOÃO HERRMANN NETO** - Eu pergunto isso pelo seguinte: a cela não deve ser grande, como já houve depoimento.

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - Pequena.

**O SR. DEPUTADO JOÃO HERRMANN NETO** - Pequena, e o senhor disse que o Márcio estava num canto. Entre o canto onde estava o Márcio e onde estava a vítima, havia sinais de sangue que perseguissem o eventual agressor até o canto onde ele se encontrava?

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - Não saberia me recordar. A cela era muito pequena. O Márcio sentado num banco de concreto da própria estrutura da cela e não saberia me recordar desses detalhes.

**O SR. DEPUTADO JOÃO HERRMANN NETO** - Terminando, quando o senhor retirou a vítima e até a ambulância, acompanhado pelo cabo, tampouco nenhum outro agente, não houve nenhuma identificação, o senhor saiu e não houve verificação de parte de nenhuma pessoa sobre as condições de remoção da vítima até o Souza Aguiar?

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - Não, nenhuma. Em algum momento, algum dos agentes perguntou se ele estava morto,...

**O SR. DEPUTADO JOÃO HERRMANN NETO** - Nada!



**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - ...eu respondi que não, mas foi o único momento que...

**O SR. DEPUTADO JOÃO HERRMANN NETO** - Nada, quer dizer, não houve nenhuma exibição de preocupação quanto à vítima?

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - Nenhuma.

**O SR. DEPUTADO JOÃO HERRMANN NETO** - O que poderia até exibir um certo grau de satisfação, porque ninguém se preocupava com alguém que estava morrendo, um ser humano ali...

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - É. Não poderia dizer isso, mas, sem dúvida, ninguém...

**O SR. DEPUTADO JOÃO HERRMANN NETO** - Ninguém se preocupou. E a quem o senhor se referiu que estava levando ao Souza Aguiar?

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - Pra ninguém.

**O SR. DEPUTADO JOÃO HERRMANN NETO** - Para ninguém. Está bem, porque o depoimento do delegado diz que imediatamente pediu a remoção, o senhor se lembra, que imediatamente pediu a remoção da vítima até o Souza Aguiar, o que foi feito pelo Corpo de Bombeiro.

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - Eu levei para o Souza Aguiar, porque é a minha unidade de referência, mas,...

**O SR. DEPUTADO JOÃO HERRMANN NETO** - Quer dizer, por moto próprio.

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - ...por exemplo, se ele estivessem sem tomografia, eu teria levado ao Miguel Couto ou ao Andaraí.

**O SR. DEPUTADO JOÃO HERRMANN NETO** - Quer dizer, foi por moto próprio...

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - Por decisão minha.

**O SR. DEPUTADO JOÃO HERRMANN NETO** - ...nenhuma autoridade foi avisada, a sua viatura não foi acompanhada...

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - Não foi acompanhada.

**O SR. DEPUTADO JOÃO HERRMANN NETO** - Não foi perseguida, ou seja, chegou ao Souza Aguiar, deu entrada dizendo onde tinha achado, nenhuma autoridade lá estava também da Polícia Federal... Quer dizer...



**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - É, eu me recordo que, logo depois, já tinha um agente na frente da sala de trauma. Então, provavelmente, até foram atrás da viatura, mas ninguém...

**O SR. DEPUTADO JOÃO HERRMANN NETO** - Está bem. Obrigado, Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado José Antonio Almeida) - Eu queria, só complementando aqui: o senhor perguntou nome da pessoa?

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - Perguntei, perguntei o nome.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado José Antonio Almeida) - Aos circunstantes lá?

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - Exatamente.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado José Antonio Almeida) - Não lhe responderam?

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - Não me responderam. Não sabiam dizer.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado José Antonio Almeida) - Não sabiam dizer. E quem lhe entregou se identificou como agente da Polícia Federal logo depois?

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - Não, não. Aí, depois, no Souza Aguiar, é que eu falei com os agentes que eu precisava da identificação, e logo depois me veio o nome e a idade, e eu pude passar para o boletim de atendimento.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado José Antonio Almeida) - Isso logo depois que o senhor entregou na sala de trauma?

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - É, por volta... no momento em que eu já estava saindo do Souza Aguiar, acredito que por volta das 2h.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado José Antonio Almeida) - Nesse horário foi que lhe deram essa informação?

**O SR. FRANCISCO GONÇALVES GABRIEL** - Me passaram a identificação, eu passei para a minha ficha e fiz questão de subir novamente ao Souza Aguiar, que a emergência é no segundo andar, e, com a minha letra, botar no boletim de atendimento o nome dele, porque, até então, constava como ignorado.



**O SR. PRESIDENTE** (Deputado José Antonio Almeida) - O.k. Mais alguma coisa, Sr. Relator?

**O SR. DEPUTADO HELENILDO RIBEIRO** - Não.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado José Antonio Almeida) - Bom, então, vamos suspender, até que compareça o delegado que vai ser acareado com o tenente. Está suspensa a sessão.

*(A reunião é suspensa.)*

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Magno Malta) - Está reaberta a sessão. Por favor, Segurança, traga-me o... Não. Um momento. O Secretário vai-me informar. *(Pausa.)* Está aberta a sessão. Audiência pública. Daqui para a frente, não tem mais nada fechado, não. Advogados, por favor. Doutor, o senhor já conversou com ele? Quer conversar mais? Então, vamos começar. O senhor pode sentar aqui do lado. Se o senhor achar que alguma coisa vai prejudicar o seu cliente, o senhor me faça uma questão de ordem escrita, está bem? Eu defiro ou indefiro. Josué Florentino Rosa. Josué Florentino Rosa, você tem vinte minutos para fazer sua explanação. Antes disso, você vai fazer o seu juramento. Vamos ficar de pé. Você pode usar esses vinte minutos. Se precisar de mais tempo, eu também lhe dou e, se não precisar do tempo, nós passaremos às inquirições. Repete, ele vai ler, e você repete no microfone.

**O SR. JOSUÉ FLORENTINO ROSA** - Faço, sob a palavra de honra, a promessa de falar a verdade do que souber e do que for perguntado.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Magno Malta) - Pode sentar. Ponha o microfone perto da boca e fale com o microfone bem pertinho. E o senhor tem vinte minutos para narrar para nós o que o senhor ouviu naquele dia, a partir do primeiro momento: o debate que envolve Márcio, Samuel e o Antonio e o policial Mayer. Fale tudo.

**O SR. JOSUÉ FLORENTINO ROSA** - Não, foi assim, porque eu tenho meu ponto entre a Mauá e a rua Teófilo Otoni. Nesse dia, eu tava lá, aí veio três elementos e me perguntaram se eu queria fazer um programa. Eu falei que não queria fazer programa com ele, porque havia suspeito, uma pochete neles. Mermo assim, eu estava com uma amiga minha chamada Júlia. Ela se virou pra mim e falou assim: "Não, vamo fazer". Eu falei assim: "Não, mas esses cara é suspeito, que eu



*não quero fazer programa com ele, não*". Aí, eles me convenceram fazer aquele programa, ela saiu com um e eu saí com dois, né? E, naquela hora, a gente fomos pra um certo lugar escuro, aquele lugar escuro, mas, quando nós voltamos, eu falei assim pro cara: "*Ó, não vou querer rolar programa com você, não*". "*Ah, por causa de quê?*" Eu falei assim: "*Ah, não tô a fim de fazer programa com você*". Uns deles tentaram me agredir, dois! Me agrediram, né? E o outro ficou com essa amiga minha chamada Júlia. Tudo bem.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Magno Malta) - Quem são os dois? Porque o Antonio era moreno, e os outros dois, branquinhos.

**O SR. JOSUÉ FLORENTINO ROSA** - Isso.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Magno Malta) - Era um moreno e um branquinho ou os dois branquinhos?

**O SR. JOSUÉ FLORENTINO ROSA** - Bom, era os dois moreno.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Magno Malta) - Não, o Antonio era mais escurinho.

**O SR. JOSUÉ FLORENTINO ROSA** - Que era um baixinho, né?

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Magno Malta) - Me dê as fotos.

*(Presidente mostra fotos para depoente.)*

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Magno Malta) - Esse era um?

**O SR. JOSUÉ FLORENTINO ROSA** - Não, não foi esse aqui, não.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Magno Malta) - Eram três, né?

**O SR. JOSUÉ FLORENTINO ROSA** - Isso.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Magno Malta) - Então? Veja se reconhece?

*(Depoente vê as fotos.)*

**O SR. JOSUÉ FLORENTINO ROSA** - Eu podia.. foi esses dois.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Magno Malta) - Esses dois?

**O SR. JOSUÉ FLORENTINO ROSA** - É. Me ofereceram programa.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Magno Malta) - O Márcio e o Samuel?

**O SR. JOSUÉ FLORENTINO ROSA** - Isso.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Magno Malta) - Tá, vai.

**O SR. JOSUÉ FLORENTINO ROSA** - Aí, tudo bem. Aí, eles começaram a me agredir. Começaram a me agredir, e comecei a gritar ali entre a Teófilo Otoni e a





Rio Branco, pedindo socorro. Aí, só vi na hora que apareceu uma pessoa, não sei quem era, me salvou, porque aquela pessoa virou e falou assim: *“Tá batendo nos travestis por causa de quê?”* Aí, o cara virou e falou assim: *“Ué? Tu vai pegar os veado?”* Aí o cara pegou e falou assim: *“Eu não quero que pega, mas também não quero que judia deles”*. Aí, tudo bem. Aí, começaram discussão, eu perto dele, levando muito sopapo. Aí eu peguei e falei assim: *“Meu Deus do céu, e agora?”* E saí até um certo tipo de ponto, porque ele já tava... o outro rapaz, quando chegou, esse, na certa, o policial chegou, aí falou assim..., eu peguei e falei...eu...ele pegou, sentei até naquele ponto de ônibus, na Rio Branco. Ali tem um ponto de ônibus, perto da banca de jornal. Ali tem um ponto de ônibus, sentei. Foi justamente na hora que o policial, com esses meninos aí, entraram em agressão, começaram a bater um no outro. Começaram a bater um no outro. Aí, isso foi na hora que começou...

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Magno Malta) - Qual foi o que deu a gravata?

**O SR. JOSUÉ FLORENTINO ROSA** - ... os tiroteios, mas eu não sei qual deles que foi soltado o tiro, porque um deles deu uma gravata no policial, muito feio. Dois deram uma gravatada.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Magno Malta) - É capaz de reconhecer qual foi aqui?

**O SR. JOSUÉ FLORENTINO ROSA** - Pode ser esses dois elementos, porque esse aqui não havia comigo. Havia comigo esses dois.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Magno Malta) - Então, esse aqui... Esse aqui saiu com a sua colega? Esse aqui. Se eram três, um era esse, certo?

**O SR. JOSUÉ FLORENTINO ROSA** - É, isso. Com a Júlia, e os dois ficavam comigo.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Magno Malta) - Júlia é aquela senhora que esteve aqui ontem?

**O SR. JOSUÉ FLORENTINO ROSA** - Isso.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Magno Malta) - Certo. E esses dois ficaram contigo?

**O SR. JOSUÉ FLORENTINO ROSA** - Que havia comigo.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Magno Malta) - Certo. Então, esses dois é que deram a gravata no policial?



**O SR. JOSUÉ FLORENTINO ROSA** - Esse com o outro, deram uma gravatada.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Magno Malta) - Certo, continue.

**O SR. JOSUÉ FLORENTINO ROSA** - Deu uma gravatada no policial. Eu só soube que era policial porque escutei pelo *RJ*. Porque ele estava com roupa paisano, porque se fosse um policial, vestido com a farda... É um policial, mas estava sem a farda. Também não podia saber que era um policial.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Magno Malta) - Porque ele é federal, e federal não usa uniforme.

**O SR. JOSUÉ FLORENTINO ROSA** - É, então... Aí, tudo bem. Ali, eles deram uma gravatada no policial. Deram uma gravatada muito feia, aí os dois começaram a "aloprar". O outro... O policial, quer dizer, já eram três. Aí eu peguei e, quando ouvi o tiroteio, eu corri entre a Rio Branco e a Teófilo Otoni, pra poder me salvar, porque eu sabia que ia sobrar pra mim aquele tiroteio. Eu peguei e saí correndo. Foi isso que eu vi.

**O SR. DEPUTADO LINO ROSSI** - Na realidade, então, você estava tendo envolvimento com dois jovens, começou a haver uma confusão, e esse... um terceiro elemento, que a gente descobre depois ser o policial federal, ele vem em teu socorro?

**O SR. JOSUÉ FLORENTINO ROSA** - Ao meu socorro e ao socorro da minha amiga. Aí, depois foram também dizer que o rapaz...

**O SR. DEPUTADO LINO ROSSI** - Foi aí que começou a confusão, então?

**O SR. JOSUÉ FLORENTINO ROSA** - Foi. E ele não havia "bebo". Ele não havia "bebo". O Túlio nega que ele havia "bebo", mas ele não havia "bebo". Ele veio pra salvar a gente.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Magno Malta) - Não havia "bebo" é não havia bebido?

**O SR. JOSUÉ FLORENTINO ROSA** - Isso. Não estava "bebo". Ele veio defender a mim e à Júlia. Ele veio defender nós duas naquele momento. E vieram pra agredir a gente.

**O SR. DEPUTADO LINO ROSSI** - Você viu o primeiro tiro? Você viu o tiro?

**O SR. JOSUÉ FLORENTINO ROSA** - Hum?



**O SR. DEPUTADO LINO ROSSI** - Na hora em que deu a confusão do tiro, você foi embora?

**O SR. JOSUÉ FLORENTINO ROSA** - Eu fui embora. Foi beirando sete tiros.

**O SR. DEPUTADO LINO ROSSI** - Eu estou satisfeito.

**O SR. DEPUTADO JOSÉ ANTONIO ALMEIDA** - Se ele conhecia antes algumas das pessoas, inclusive o policial? Já tinha visto? Já conhecia?

**O SR. JOSUÉ FLORENTINO ROSA** - Nunca vi. Não conheci.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Magno Malta) - Josué, obrigado pela sua participação, por sua narrativa do que ocorreu naquele dia. E a CPI agradece você ter se colocado à disposição, e se precisarmos, numa outra ocasião, certamente solicitaremos. Obrigado.

**O SR. JOSUÉ FLORENTINO ROSA** - Está bom. Obrigado.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Magno Malta) - Está suspensa a sessão.

**A SRA. PRESIDENTA** (Deputada Elcione Barbalho) - Está reaberta a reunião. Eu convido e solicito as providências necessárias para trazer o Sr. Walter Rui de Santana, agente que estava de plantão do dia 7 para o dia 8 de setembro passado. Eu quero lembrar que cada Deputado inscrito, ao fazer as suas indagações, terá direito à réplica e à tréplica, assim como terá o depoente. *(Pausa.)* De acordo com os Srs. Deputados aqui, que compõem a CPI, ficou acordado que a reunião seria realizada reservada. Então, pediria a retirada dos senhores, das pessoas aqui, a compreensão; e permaneçam somente as pessoas que fazem parte da CPI, os técnicos e os Srs. Deputados. Obrigado. E as pessoas que estão trabalhando no som, também. *(Pausa.)*

*(A reunião é suspensa.)*

*(A reunião transforma-se em reservada.)*